

Empoderamento: o caminho para alcançar a igualdade de gênero

*Empowerment:
the way to achieve gender equality*

Natália Christina de Moura Alves¹
Martha Lorena de Moura Alves²
Flaviana Tavares Vieira Teixeira³

Resumo

O empoderamento feminino surge como uma forma de promover mudanças sociais no comprometimento com a luta pela igualdade de gênero, sendo assim, é um fortalecimento conjunto e não de forma isolada, a fim de alcançar uma sociedade mais justa para as mulheres. O estudo foi realizado em algumas escolas públicas de Diamantina-MG com o objetivo de empoderar os adolescentes por meio de abordagens educativas, buscando diminuir a desigualdade de gênero presente na sociedade. Pela análise de dados notou-se que os alunos não tinham um esclarecimento sobre o que é o feminismo, porém eles acreditam que o feminismo, como conceito a eles introduzido, pode transformar a sociedade em um lugar melhor. É notória a necessidade de um momento de debate e discussão com esses adolescentes para promover um melhor esclarecimento sobre questões de igualdade de gênero, feminismo e machismo, para que ao empoderá-los eles possam empoderar outras pessoas e assim promover uma transformação mais abrangente na sociedade.

Palavras-chave: Empoderamento. Feminismo. Machismo. Igualdade de gênero. Sexismo. Desigualdade de gênero.

Abstract

Women's empowerment emerges as a way to promote social change in commitment the students in fighting for equal opportunities, so it is a joint strengthening and not in isolation, with the goal of making society more just for women. The study was carried out in some public schools in Diamantina - MG with the objective of empower adolescents through educational approaches, seeking to reduce the gender inequality present in society. From the analysis of data it was noticed that the students did not have a clarification on what is the feminism, but they believe that feminism, as a concept introduced to them, can transform society into a better place. It is therefore necessary to have a moment of debate and discussion with adolescents, to promote greater clarification on issues of gender equality, feminism and machismo, so that, by enabling them, they can empower others and thus promote a more comprehensive transformation in society.

Keywords: Empowerment; Feminism; Chauvinism; Gender equality; Sexism; Gender inequality.

¹ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM-Campus JK) - Diamantina/MG, Brasil.
Discente de Fisioterapia pela Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde (UFVJM)
e-mail: na.christina@hotmail.com

² Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM-Campus JK) - Diamantina/MG, Brasil.
Discente de Medicina pela Faculdade de Medicina de Diamantina (UFVJM)
e-mail: marthalorena.ma@hotmail.com

³ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM-Campus JK) - Diamantina/MG, Brasil.
Professora doutora do Instituto de Ciência e Tecnologia (UFVJM)
e-mail: flaviana.tavares@ufvjm.edu.br

1 Introdução

As desigualdades sociais, econômicas e de gênero ainda são problemas a serem enfrentados no Brasil. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o Brasil está entre os 5 países mais desiguais do mundo, com base na análise dos dados do imposto de renda referentes aos anos de 2006 a 2014 (SOUZA, 2017). O estudo mencionado analisou 29 países, entre desenvolvidos e em desenvolvimento, mostrando que o 1% da população brasileira mais rica concentra entre 22% e 23% do total da renda do Brasil, nível superior à média internacional (SOUZA, 2017).

A ONU é uma organização intergovernamental fundada para promover a cooperação internacional; os seus objetivos incluem promover os direitos humanos, auxiliar o progresso social e o desenvolvimento econômico, proteger o meio ambiente, manter a segurança e a paz mundial, e promover ajuda humanitária em casos de fome, desastres naturais e conflitos armados. Além disso, visando a promoção da igualdade social e de gênero, fundou em 2010 a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, também conhecida como ONU Mulheres, sendo esta, a nova liderança global em prol das mulheres e meninas (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2019).

Os países membros da Organização das Nações Unidas e os ativistas dos direitos das mulheres, após reconhecerem que para tornar real a questão de gênero e igualdade nas vidas de meninas e mulheres, era necessário um programa específico para a promoção da igualdade de gênero, no seio desta organização de alcance mundial, com experiência consolidada e consideráveis recursos. Sendo assim, eles se uniram para criar a ONU Mulheres que coordena e promove o trabalho do sistema ONU no avanço da igualdade de gênero no mundo (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2019).

A ONU Mulheres atua internacionalmente com os pressupostos fundamentais de que as meninas e mulheres ao redor do mundo têm o direito a uma vida livre de pobreza, violência e discriminação, e de que a igualdade de gênero é um requisito primordial para se alcançar o desenvolvimento das nações. Isto porque, as mulheres por um longo tempo foram forçadas a permanecer à margem nas questões de proteção contra a violência, liderança política, segurança em zonas de conflito, acesso a serviços públicos e à educação. No Brasil, país marcado pelo modelo patriarcal, os direitos das mulheres foram conquistados por meio de muita luta, e mesmo assim foram reconhecidos tardiamente. Portanto, hoje as mulheres precisam estar no centro das decisões como líderes, defensoras e agentes de mudanças sociais (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2019).

A ONU Mulheres apoia os países membros da Organização das Nações Unidas no estabelecimento de padrões mundiais para alcançar a igualdade de gênero, trabalhando junto aos governos e à sociedade civil para formular leis, programas, políticas e serviços necessários para a implementação desses padrões (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2019).

As estimativas mundiais da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que aproximadamente 35% das mulheres em todo o mundo sofreram violência física ou sexual por parte de parceiro ou terceiros durante a vida. Segundo o relógio da violência, do Instituto Maria da Penha (IMP), no Brasil a cada 7.2 segundos uma mulher é vítima de violência física, a cada 2.6 segundos uma mulher é vítima de ofensa verbal, a cada 22.6 segundos uma mulher é vítima de espancamento ou tentativa de estrangulamento. E, a cada 2 minutos, uma mulher é vítima de violência com arma de fogo no Brasil, além disso, a cada 6.3 segundos uma mulher é vítima de ameaça de violência, a cada 6.9 segundos uma mulher é vítima de perseguição, por fim, a cada 16.6 segundos uma mulher é vítima de ameaça com faca ou arma de fogo (IMP, 2019). Portanto, é notória a necessidade urgente de empoderar as mulheres e conscientizar os homens, de que a desigualdade de gênero precisa terminar e que a violência contra a mulher deve acabar o quanto antes. A queda da violência de gênero pode ser considerada pré-requisito básico para a redução da desigualdade de gênero.

Diante desses e outros dados alarmantes sobre desigualdades sociais no país, o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, definiu o tema da Semana Nacional de Ciência e

Tecnologia de 2018 como: Ciência para a redução das desigualdades. O tema está relacionado a um dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) estipulados pela Organização das Nações Unidas, especificamente o objetivo de número 10 – Redução das Desigualdades dentro dos países e entre eles.

Com base nesta perspectiva de redução das desigualdades, foi elaborado e executado o projeto de extensão: Empoderamento: o caminho para alcançar a igualdade de gênero, baseado especificamente no objetivo 10.2 da ODS:

“10.2 Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra.”

O empoderamento, origem do inglês “empowerment”, quer dizer fortalecer, dar poder. O empoderamento feminino é o ato de conceder à mulher o poder de participação social, garantindo que possa estar ciente da luta pelos seus direitos, como pela igualdade ao acesso à saúde, ao trabalho, à educação e à política (CARVALHO, 2004).

O empoderamento, definido em termos genéricos, é um processo e um resultado de ações que afetam a distribuição de poder, no âmbito das esferas políticas, pessoais e intersubjetivas. No empoderamento comunitário, “encontra-se inscritos elementos que caracterizam um patamar elevado de “empowerment” psicológico, a participação ativa na ação política e a conquista de (ou possibilidade de) recursos materiais ou de poder por parte de indivíduos e coletivos” (RISSEL C. 1994 apud CARVALHO 2004).

A luta feminina por direitos civis e políticos das mulheres, e pelo seu acesso à educação, tem longa história no Brasil. Porém, somente em 1827, as mulheres conseguiram o direito de se matricular em instituição de ensino, e só meio século depois adquiriram o direito de cursar uma graduação. Além disso, apenas em 24 de fevereiro de 1932 elas conseguiram o direito ao voto com o Decreto 21.076 assinado pelo então presidente Getúlio Dornelles Vargas (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018) e, em 7 de agosto 2006, pela LEI Nº 11.340, o presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a lei Maria da Penha (PLANALTO, 2018), a qual protege a mulher vítima de violência física e psíquica, em todos os âmbitos sociais, em especial violência doméstica e familiar.

O empoderamento surge como uma forma de promover mudanças sociais no comprometimento com a luta pela igualdade, sendo assim, é um fortalecimento conjunto e não de forma de ação isolada, a fim de alcançar uma sociedade mais justa para as mulheres. Dá-se por meio de abordagens educativas que promovam a sua participação individual ou através de coletivos, na identificação e na análise crítica de seus problemas, buscando estratégias que favoreçam a transformação social.

O projeto “Empoderamento: o caminho para alcançar a igualdade de gênero”, foi elaborado sob a perspectiva do tema da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2018 que é “Ciência para a redução das desigualdades”. O presente estudo por ser uma ação de extensão foi desenvolvido na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – Campus JK, nas escolas públicas do município de Diamantina–MG, no ano 2018. O público alvo foram os alunos do 9º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, abrangendo alunos de ambos os sexos – masculino e feminino.

O projeto visou empoderar esse grupo por meio de palestras educativas, uma vez que o “empowerment education” contribui com a liberdade humana através do desenvolvimento do pensamento crítico e de estímulo a ações que objetivam executar a superação das estruturas institucionais e ideológicas de opressão (CARVALHO, 2004).

1.1 *Desigualdade de gênero*

A desigualdade de gênero entre homens e mulheres no Brasil é notória e ainda persiste mesmo após a criação de leis para diminuir essa problemática, presente em todos os âmbitos, como no trabalho, na saúde, na educação e na política. Diante disso, faz-se necessário o empoderamento feminino, sendo

um dos focos principais os adolescentes, para ampliar a consciência dos direitos e deveres nessa fase da vida e, assim promover o desenvolvimento de ações para a redução das desigualdades de gênero presentes na sociedade (MARINHO, 2016 apud ROSA; GROKORRISKI, 2017).

O empoderamento já se mostrou o melhor caminho para solucionar ou minimizar algum problema, sendo alvo de outros estudos, como, o que focaliza o empoderamento das mulheres rurais no território do sudoeste de Goiás (GOMES et al. 2016) e outro que trata da violência contra a mulher e seu empoderamento social (ROSA; GROKORRISKI 2017). Esse último reforça a ideia de que o “empoderamento comunitário da mulher é uma porta a ser aberta para contribuir com a diminuição dos casos de violência contra mulher, para isso é importante o acesso à informação”, mostrando que o acesso à informação é o pilar central para empoderar e conseguir realizar as transformações sociais (ROSA; GROKORRISKI 2017).

Diamantina, um dos destinos da estrada real é um município localizado no Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais (figura, 1). É uma cidade rica em história e tradições, com mais de três séculos de fundação. A história do município está ligada à exploração do ouro e do diamante. Por volta de 1722, deu-se o surgimento do povoado às margens do garimpo, que mais tarde deu origem a este município. No final da década de 90, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) concedeu à Diamantina o título de Patrimônio Cultural da Humanidade (PREFEITURA, 2018). Apesar de dados escassos sobre a história da cidade, sabe-se que esta é marcada pelo modelo patriarcal desde o início da sua povoação (PREFEITURA, 2018), o qual ainda tem influência nesta população.

Figura 1 – Mapa Vale do Jequitinhonha - MG



(Fonte: <https://www2.ufmg.br/design/polojequitinhonha/images/mapa.gif>)

Trata-se de um contexto urbano favorável para trabalhar o tema da desigualdade social, notadamente a desigualdade de gênero, através de práticas educativas. Há, inclusive, outros estudos realizados em Diamantina - MG em outras linhas de pesquisa que mostram a desigualdade de gênero como sendo um dos fatores que podem contribuir para o surgimento de outros problemas sociais e de saúde. Por exemplo, a obesidade, foi tema de um estudo realizado na Escola Nacional de Saúde Pública por Ferreira (2014) mostrando que a “obesidade expõe uma outra face da pobreza e das desigualdades sociais na contemporaneidade. As mulheres do Vale do Jequitinhonha, que foram entrevistadas estavam associadas à pobreza e à questão de gênero” (FERREIRA, 2014).

A motivação para a realização de atividades para o empoderamento feminino em Diamantina foi de alcançar a redução das desigualdades de gênero entre homens e mulheres, promovendo o empoderamento de adolescentes diamantinos, por meio de debates sobre a ideologia do machismo e do feminismo.

O público alvo foram adolescentes do 9º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Esse período da escolarização foi escolhido devido se tratar de uma faixa etária em que ocorre a construção do pensamento crítico. Além disso, os autores consideram que a população escolar é o futuro do país; se conseguirmos mudar a concepção de mundo que eles têm, essa luta por igualdade de gênero não estará presente só por um momento e sim irá perdurar ao longo das suas vidas. A possibilidade de trabalhar nas escolas pelo fácil acesso também foi um fator importante na eleição do público alvo.

2 Desenvolvimento

A ONU Mulheres, defende a participação equitativa das mulheres em todos os aspectos da vida e enfoca cinco áreas prioritárias, que foram trabalhadas durante a realização deste projeto:

- Aumentar a liderança e a participação das mulheres;
- Eliminar a violência contra as mulheres e meninas;
- Engajar as mulheres em todos os aspectos dos processos de paz e segurança;
- Aprimorar o empoderamento econômico das mulheres;
- Colocar a igualdade de gênero no centro do planejamento e dos orçamentos de desenvolvimento nacional.

Inicialmente houve a elaboração do projeto e aprovação pela Pró-reitoria de extensão da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E, logo após, a divulgação do projeto através do banner (Figura, 2), nas redes sociais e no site do Programa de Educação Tutorial, PET – Estratégias para diminuir a retenção e evasão da UFVJM.

Figura 2: Folder de divulgação nas redes sociais



(Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2018)

Em seguida, iniciaram-se as atividades que foram desenvolvidas em sete turmas de quatro escolas públicas de Diamantina - MG. A equipe do projeto foi composta por alunos da UFVJM - Campus JK. O estudo envolveu quatro etapas, buscando a adequada seleção dos participantes, assim como o seu treinamento. A primeira etapa visou a seleção dos graduandos voluntários dos diversos cursos da UFVJM, através de edital – que destacou regras de participação, como, por exemplo, ter afinidade com o tema e ter pelo menos um turno vespertino ou matutino livre na semana para ter disponibilidade de ir às escolas.

A segunda etapa foi a capacitação dos membros selecionados. Realizaram-se reuniões em parceria com alguns professores da própria universidade, para capacitá-los por meio de debates sobre os temas que seriam abordados com a comunidade, tendo como base dois livros de Chimamanda Adichie: “Sejamos todos feministas” (2014) e “Para educar crianças feministas: um manifesto” (2017).

A terceira etapa foi a atividade na comunidade, a ação de extensão. Iniciou-se o contato com as escolas da cidade de Diamantina por meio de email e telefone. Após agendamento da intervenção nas escolas, iniciaram-se as atividades para a promoção do empoderamento dos adolescentes e jovens. Primeiramente aplicou-se um questionário (Apêndice A), para avaliar o conhecimento prévio do público alvo quanto aos temas abordados durante as intervenções. Este questionário foi elaborado pela equipe do projeto, contemplando questões de ideologias de gêneros machista e feminista, bem como questões socioeconômicas e de igualdade de gênero. Todos os estudantes das turmas concordaram, por livre e espontânea vontade, em participar da dinâmica do projeto.

Antes de iniciar a próxima etapa, o júri simulado, solicitou-se aos alunos que respondessem à seguinte pergunta: “O que as mulheres não podem fazer por serem mulheres?”. Esta pergunta teve o intuito de verificar como estava o grau de conhecimento e pensamento crítico desses alunos, em relação ao machismo e feminismo. Entre as respostas, houve respostas machistas e feministas, dentre elas: “Se calar, e aceitar tudo que é imposto”, “A mulher é livre para fazer o que quiser”, “Não podem ser oprimida pela sociedade”, “No caso não sou eu que devo dizer o que elas pode ou não fazer (Elas deve escolher seu caminho)”, “Ficar de perna aberta”, “Dirigir caminhão”, “Trabalhar fora de casa”. A destacar sobre as respostas a esta pergunta o fato de que muitos alunos optaram por deixá-la em branco. Por meio do questionário, que também avaliava o conhecimento prévio sobre as ideologias de gênero, pôde-se quantificar quantos alunos se consideraram feministas e quantos foram contrários (Gráfico 2).

Após a aplicação do questionário, desenvolveu-se a dinâmica dos debates. Esta foi denominada Júri Simulado. Segundo alguns autores essa dinâmica desenvolve a habilidade de argumentação, a fim de possibilitar uma educação que valorize a autonomia por meio do diálogo (ARAÚJO et al. 2012). Para esta atividade, a turma foi dividida em três grupos, sendo um de acusação, outro de defesa e o terceiro o do júri. O juiz que serve como mediador do debate, definindo o momento da argumentação da acusação e da defesa, foi representado por um componente da equipe do projeto, é importante ressaltar que o júri representado pelos adolescentes que escolhia o grupo vencedor por meio de votação, e o juiz apenas confirmava o veredito do júri. Então, realizou - se uma espécie de tribunal. O esquema da logística da dinâmica do júri simulado pode ser visualizado a seguir (Figura 3).

No segundo momento ocorreu a exposição de situações reais de desigualdade de gênero, com base nos livros trabalhados. Cita - se como exemplo a situação: “Abri a bolsa, peguei o dinheiro e lhe dei (manobrista). E ele, feliz e grato, olhou para o meu amigo e disse: - Muito obrigado, senhor!” (ADICHIE, 2017). Outro exemplo usado nas intervenções foi: “Vi você usando calças justas no sábado passado. Tudo é permissível, mas nem tudo é benéfico. Menina que usa calça justa deseja cair em tentação. É melhor evitar isso.” (ADICHIE, 2017).

Figura 3 - Logística da dinâmica das intervenções em forma de Júri Simulado



(Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2018)

Outro exemplo das situações usadas nas intervenções foi: “Claro que não é a esposa que tem de cuidar da casa sempre, eu mesmo fiz o serviço doméstico quando ela viajou.” (ADICHIE, 2014). Outro exemplo das situações reais usadas nas intervenções foi: “A menina viu um helicóptero de brinquedo, uma daquelas coisas que voam com controle remoto. Ela ficou fascinada e pediu um. ‘Não’, disse a mãe. ‘Você tem bonecas’.” (ADICHIE, 2014).

Após exposições como as citadas aqui, os grupos de defesa e acusação tiveram um tempo para desenvolverem seus argumentos. Durante esse tempo, cada grupo teve uma discussão interna com auxílio de um voluntário do projeto para poderem formular os argumentos para o momento do debate. Em seguida, dava-se início ao debate entre os grupos de defesa e acusação. Enquanto acontecia o debate, o grupo que representava o júri ficou observando os argumentos para que, ao final fizesse uma votação entre si para decidir qual grupo seria o vencedor. Sendo assim, o júri pontuava cada debate realizado na turma e ao final fazia a média para decidir qual o grupo vencedor. O juiz fazia a leitura da situação real exposta (Figura 4), e, além disso, ele também controlava o momento de argumentação de cada grupo de acordo com o andamento do debate. Durante o tempo de discussão de cada grupo para formular seus argumentos, a equipe do projeto os auxiliava.

Após cada exposição de uma situação real retirada dos livros da Chimamanda Adichie, era realizado o momento do julgamento, sendo assim ocorria o debate entre a acusação e a defesa. Em cada turma teve em média 3 julgamentos sendo 3 situações diferentes. Ao encerrar cada julgamento com o veredito final do júri e do juiz, de qual grupo era o vencedor, a equipe do projeto fez uma reflexão com os adolescentes sobre o tema abordado naquele julgamento, a fim de fixar a importância da igualdade de gênero e do diálogo crítico. Reforçando aos jovens e adolescentes, que são o futuro da nação brasileira, a importância de iniciar agora por meio dos debates a construção de um país mais igualitário, com melhores condições de vida para ambos os gêneros e assim reduzir as desigualdades sociais.

Figura 4 – O Juiz, integrante da equipe, fazendo a exposição da situação que dará início ao debate



(Fonte: arquivo pessoal das autoras, 2018)

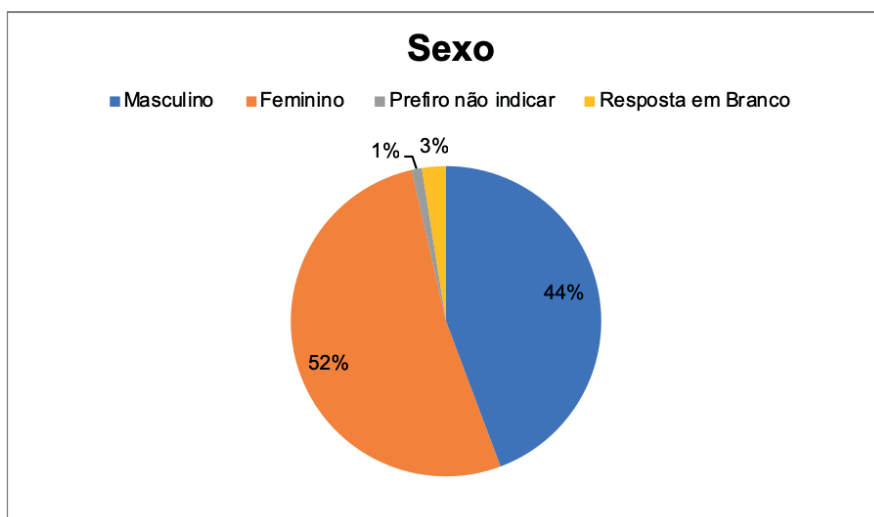
A partir desse projeto de empoderamento para alcançar a igualdade de gênero, foram elaborados livrinhos pela equipe a respeito dos temas abordados nas intervenções, sobre a importância do empoderamento das mulheres para transformar a sociedade, sobre a consciência de que a luta pela igualdade de gênero não deve ser somente da mulher e sobre o mal que o machismo causa para toda a sociedade e não só para as mulheres. Todos esses exemplares são devidamente registrados na biblioteca da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – campus JK, revisados por uma professora de português, e após isso entregues aos alunos das escolas participantes do projeto. Além disso, eles estão disponíveis online para toda a população, e podem ser acessados pelo link: https://drive.google.com/open?id=1zuPv1paw6_yYH4Og_NxQrR8t45OuF9II, ou no site do grupo PET – Estratégias para Diminuir a Retenção e Evasão na UFVJM: <https://sites.google.com/view/petestrategias/inicio>.

A quarta e última etapa dessa ação de extensão, consistiu na análise dos dados coletados por meio dos questionários aplicados aos alunos antes da dinâmica do júri simulado, para avaliar a efetividade desse momento de discussão com os estudantes dessas escolas públicas de Diamantina que participaram do projeto, ou seja, avaliar se o conteúdo abordado era realmente necessário para esses alunos. Por meio da análise dos gráficos apresentados neste trabalho foi constatado que o assunto era sim necessário, pois os alunos não tinham o esclarecimento sobre o que é feminismo, o mal do machismo e como a sociedade pode ser melhor se tiver igualdade de gênero (Gráfico 2 e 3).

3 Conclusão

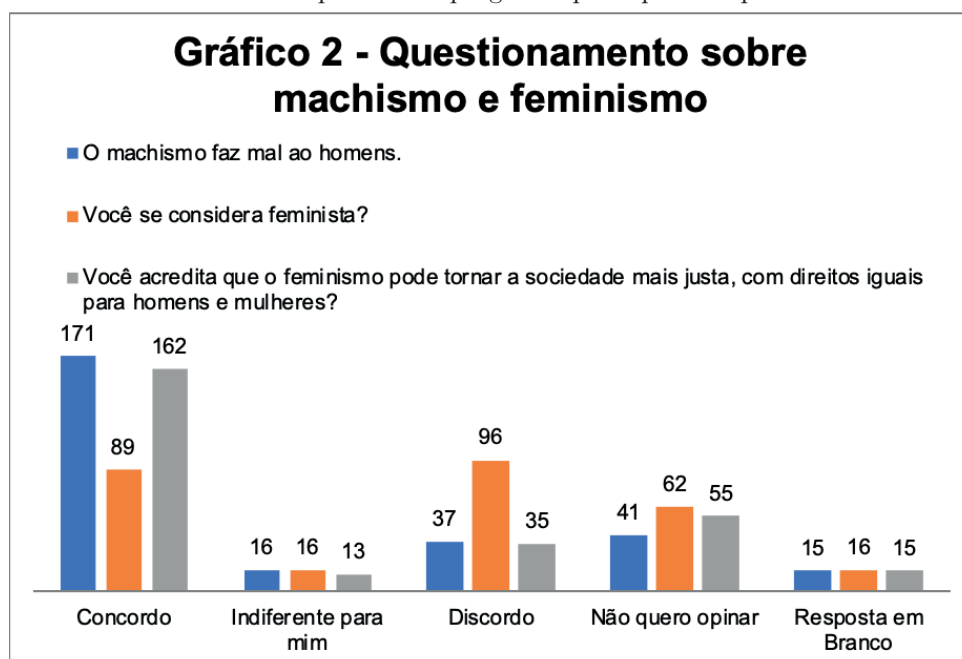
Aplicou-se o questionário (Apêndice A) para 280 alunos de ambos os sexos (Gráfico 1), abordando questões sobre igualdade de gênero, ideologia do feminismo e ideologia do machismo.

Gráfico 1 – Respondentes ao questionário estratificados por sexo.



O gráfico 2, a seguir, apresenta as respostas a três perguntas (três variáveis medidas através de escala Likert de opinião): opinião sobre o efeito negativo do machismo nos homens, a concordância dos alunos em se posicionarem como feministas, e a opinião sobre os efeitos positivos do feminismo na sociedade. Observou-se que 61% (n=171) dos respondentes concordaram que o machismo também faz mal aos homens, e não só às mulheres como alguns ainda pensam atualmente. Outros 39% (n=109) deram outras opções, também representadas no gráfico 2. Apenas 32% (n=89) estudantes responderam que se consideram feministas, sendo quase o mesmo o percentual 34% (n=96) dos que não se consideram feministas. Destaca-se também no gráfico o percentual relativamente alto, de aproximadamente 19% dos alunos, que dizem não ter opinião sobre as três variáveis abordadas no gráfico 2 (n=41, n=62, n=55). Contudo, mais de 58% (162) dos adolescentes concordaram que o feminismo pode transformar a sociedade em um lugar mais justo e igualitário (Gráfico 2). Em outras palavras, muitos adolescentes não conheciam o conceito de feminismo, porém, mesmo com o pequeno esclarecimento, feito através da intervenção dos pesquisadores, do que é o feminismo, que a sua ideologia é a luta por igualdade de gênero, a maioria concordou que ele pode mudar a sociedade para melhor, promovendo igualdade e avanço no desenvolvimento do país.

Gráfico 2 – Respostas às 3 perguntas principais do questionário



Diante desses dados realizou a correlação de Spearman considerando $p < 0,01$, para verificar se há correlação entre os itens do gráfico acima, os resultados são apresentados na tabela 1.

Tabela 1- Correlação de Spearman para os itens do gráfico 2.

	Item 1	Item 2	Item 3
Item 1	1		
Item 2	0,36	1	
Item 3	0,40	0,42	1

Isto significa que não necessariamente o indivíduo que se considerou feminista tenha concordado que o machismo faz mal aos homens; ou que o feminista concordou que o feminismo pode transformar a sociedade em um lugar mais justo; ou que os que discordam que o machismo faz mal aos homens que também discorde que o feminismo pode transformar a sociedade em um lugar mais justo. O fato do resultado das correlações terem sido fracas, embora com significância, corrobora a presença da falta de entendimento dos alunos sobre as ideologias de gênero, pois era esperada uma alta correlação entre os itens, por se tratarem de questões convergentes relacionadas ao feminismo, logo esses dados reforçam a importância de se tratar esse assunto com o público esse público alvo.

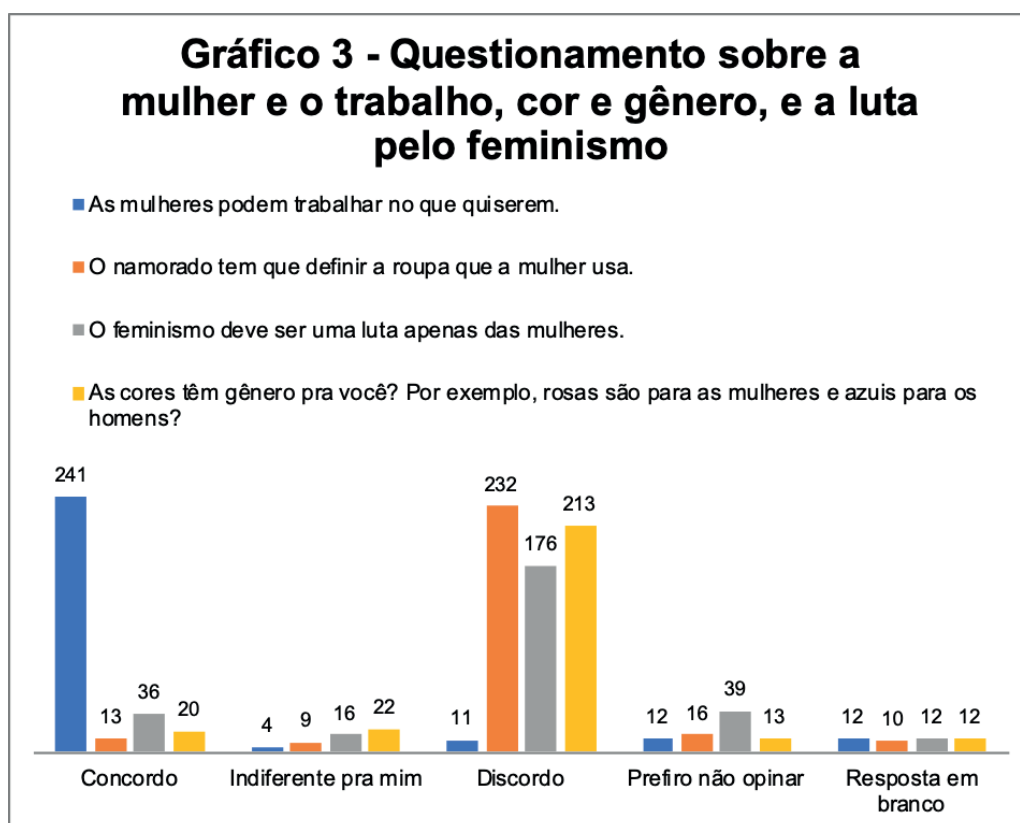
Essa percepção que algumas pessoas têm de que o machismo só faz mal às mulheres, precisa ser desmistificada. A partir da análise do questionário notou-se que 31% (n=109) dos respondentes não concordaram que o machismo faz mal aos homens, sendo esse um número muito expressivo. Por este motivo, foi visando diminuir essa concepção equivocada das pessoas que o machismo só faz mal às mulheres, que o presente projeto produziu um livrinho que relata o mal do machismo para toda a sociedade. Este livrinho, após ser registrado na UFVJM – campus JK será disponibilizado para toda a sociedade em versão online e impresso, nos mesmos links citados acima, dos livrinhos que já foram registrados.

Analisando os dados colhidos de outras questões (Gráfico 3) percebeu-se que os adolescentes tendem mais para o idealismo feminista do que machista, apesar da falta de esclarecimento tanto por parte da escola como da família. Isso mostra que, apesar da cultura machista nesta população, esse grupo não tem o machismo tão forte em sua forma de pensar, de acordo com suas respostas.

Porém, ainda fazem-se necessários outros momentos de conversa e de debates sobre feminismo, igualdade de gênero e sobre os problemas do machismo com esse e outros grupos de adolescentes. Pesquisas de levantamento e intervenções como esta deveriam ser feitas, em todo o país, para que por meio da educação e informação, eles possam entender a importância da igualdade de gênero para um país mais próspero e desenvolvido em um futuro próximo. A mudança deve começar agora, o quanto antes, para que o futuro de igualdade de gênero não continue sendo uma utopia para a nação brasileira.

No gráfico 3, nota-se que 86% (n=241) concordam que as mulheres podem trabalhar no que quiserem, 82% (n=232) discordam que o namorado é quem deve definir a roupa que a mulher deve usar, 62% (n=176) discordam que o feminismo deve ser uma luta apenas das mulheres, e 76% (n=213) discordam que as cores têm gênero. Conforme o esperado teve alta concordância com a primeira questão e alta discordância com as demais questões, o que corrobora com o resultado de que os alunos são mais abertos ao feminismo, embora não tenham o esclarecimento adequado sobre essa ideologia o que foi confirmado na Tabela 1, além do fato de que apenas 31% (n=89) se consideraram feministas (Gráfico 2).

Gráfico 3 – Dados de outras perguntas do questionário que retratam a percepção dos estudantes quanto ao feminismo, a luta por igualdade, e estereótipos de gênero.



O projeto ultrapassou as barreiras do ambiente escolar dos alunos de Diamantina, por meio de divulgações em redes sociais, site e instagram do PET – Estratégias para Diminuir a Retenção e Evasão na UFVJM, e programas de rádio veiculados na Rádio Universitária 99,7 FM. Atingindo assim outros grupos sociais, permitindo que a informação sobre a importância da igualdade de gênero alcançasse um público maior. Com isso, a equipe do projeto foi convidada a participar em outras escolas de outras cidades, como São João da Lagoa, Pirapora e Várzea da Palma, ambas no Estado de Minas Gerais, para poder promover o empoderamento dos adolescentes dessas cidades.

Com este trabalho, pode-se concluir que o machismo ainda é presente na nossa sociedade e apontado como um fator que atrasa o desenvolvimento do país, tanto em questão econômica quanto em questão cultural. Além disso, percebemos que os adolescentes e jovens não têm o devido esclarecimento sobre as ideologias de gênero, e como o feminismo pode transformar a sociedade em que vivemos em um lugar melhor e igualitário.

Portanto é preciso empoderá-los, e assim mostrar o caminho a ser seguido para alcançar uma sociedade com oportunidades iguais para os indivíduos independente do gênero. Para isso é preciso promover acesso à informação a esses alunos para que eles possam criar um pensamento crítico sobre o atual cenário brasileiro e assim almejar um país menos desigual. O projeto contribuiu para o conhecimento, educação, acesso à informação e promoção de diálogo sobre a questão de igualdade de gênero, machismo, violência contra a mulher, estereótipos machistas e o feminismo entre alunos no próprio ambiente escolar, de forma dinâmica e crítica sobre o porquê da desigualdade, como podemos acabar com ela, e como promover transformações na sociedade.

Apesar destas conclusões que podem ser retiradas deste projeto, é necessário estudos mais aprofundados e abrangentes, para poder conhecer a realidade de toda a população brasileira e não só a de Diamantina, para que, assim, medidas de combate a violência e a desigualdade contra a mulher sejam colocadas em práticas. São necessárias políticas e programas de conscientização social de que o machismo é um mal para toda a sociedade e que precisa acabar, e, além disso, evidenciar a

importância da igualdade de gênero para o desenvolvimento da nação. Desse modo, essas medidas atingiriam toda a população brasileira, principalmente os adolescentes e jovens que são considerados o futuro da nação, porém, a mudança deve começar no presente, o quanto antes.

Agradecimentos

- Programa de Educação Tutorial do Ministério da Educação, PET – Estratégias para Diminuir a Retenção e a Evasão na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.
- Rádio Universitária 99,7 FM.
- Professora Doutora em Saúde Pública Ana Paula Nogueira Nunes.
- As escolas públicas de Diamantina onde foi realizado o projeto: Escola Estadual Joaquim Felício dos Santos; Escola Estadual Gabriel Mandacaru; Escola Estadual Professora Gabriela Neves; Escola Estadual Professora Ayna Torres. Bem como também as escolas das cidades de Pirapora, Várzea da Palma e São João da Lagoa, ambas em MG, que nos convidaram para ir realizar o projeto.
- Aos acadêmicos da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri: Alba Maria de Almeida Castro; Isabella Carolayne Acacio Almeida; Maria Gabrielle Coelho Caldeira; Marisa Amaral de Almeida, Martha Lorena de Moura Alves e Yuri Rocha Peçanha, que foram voluntários do projeto, sob coordenação da acadêmica Natália Christina de Moura Alves.

Referências

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. 1. Ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2014.

ADICHIE, C. N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. 1 ed. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia Das Letras, 2017.

ARAÚJO, A. V. N. S.; MELO, A. C. O; SILVA, A. N. B. **Júri simulado aplicado ao ensino de química: desenvolvendo a prática da argumentação dos alunos do ensino médio**. In: Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação, 2012, Tocantis. Disponível em: <<http://propi.ifto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/2301/1176>> Acesso em: 27 de out. 2018.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Decreto nº 21.076**, de 24 de fevereiro de 1932. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.htm>>. Acesso em: 16 out. 2018.

CARVALHO, S. R. Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de Promoção à Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1088-1095, jul-ago. 2004.

FERREIRA, V. A. **Desigualdades sociais, pobreza e obesidade feminina**. 180f. 2014. Dissertação (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2014.

GOMES, K. A. S.; LUNAS, D. A. L.; JÚNIOR, H. M. C. Empoderamento da mulher rural no território sudoeste de Goiás. In: III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG. Inovação: Inclusão Social e Direitos. **Anais...** Pirenópolis: UEG, 2016.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Relógios da violência**. Disponível em: <<http://www.relogiosdaviolencia.com.br/>> Acesso em: 01 de jan. 2019.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. ONU Mulheres Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/agencia/onumulheres/>> Acesso em: 01 de jan. 2019.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, ODS10. Objetivo 10: reduzir a desigualdade dentro dos países e entre eles. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/ods10/>> Acesso em: 01 de jan. 2019.

BRASIL. Planalto. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm> Acesso em: 16 de out. 2018.

PORTAL POLO JEQUITINHONHA. **Localização mapa do vale**. Disponível em: <<https://www2.ufmg.br/polojequitinhonha/Localizacao/Mapa-do-Vale>> Acesso em: 27 de out. 2018.

PREFEITURA DE DIAMANTINA. **História de Diamantina**. Disponível em: <<http://diamantina.mg.gov.br/o-municipio/historia-de-diamantina/>> Acesso em: 22 de out. 2018.

ROSA, H. C. M. R.; GROKORRISKI, R. **Violência contra mulher e seu empoderamento social.** In: XV JORNADA CIENTÍFICA DOS CAMPOS GERAIS, Ponta Grossa, 25 a 27 de out. 2017.

SEMANA nacional de ciência e tecnologia. Tema da Semana Nacional de 2018 é anunciado. Disponível em: <<http://snct.mctic.gov.br/semanact/opencms/noticias/arquivos/TemaSemanaNacional2018Anunciado.html>> Acesso em: 01 de jan. 2019.

SOUZA, P. H. G. F.; MEDEIROS, M. **The concentration of income at the top in Brazil, 2006-2014.** International Policy Center for Inclusive Growth, 2017.

Recebido em: 27 de outubro de 2018

Aceito em: 18 de junho de 2019

Apêndices

Apêndice A – Questionário aplicado nas escolas para os adolescentes.

Prezado aluno, essas perguntas são de fundamental importância para o projeto. Importante que você responda cada uma delas. Essas informações são confidenciais e jamais iremos expor o seu nome.

1. Nome: _____

2. Sexo: Masculino Feminino outros prefiro não indicar

3. Idade: ____ 4. Data de nascimento __/__/__

5. Raça: Branca Parda Preta Amarela Indígena

6. Bairro onde você mora: _____

7. Em que tipo de escola você estuda? Escola Pública. Escola Privada.

8. Qual o nome da sua escola: _____

9. Você está cursando qual ano escolar?

9º ano do EF 1º ano do EM 2º ano do EM 3º ano do EM

10. Qual a escolaridade de sua **MÃE**?

1. sem escolaridade

7. ensino superior completo

2. ensino **fundamental** incompleto

8. especialização

3. ensino fundamental completo

9. mestrado

4. ensino **médio** incompleto

10. doutorado

5. ensino médio completo

11. não sei

6. ensino **superior** incompleto

11. Qual a escolaridade do seu **PAI**?

1 sem escolaridade

7 ensino superior completo

2 ensino **fundamental** incompleto

8 especialização

3 ensino fundamental completo

9 mestrado

4 ensino **médio** incompleto

10 doutorado

5 ensino médio completo

11 não sei

6 ensino **superior** incompleto

12. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

Nenhuma Renda.

Até 1 salário mínimo.

De 1 a 3 salários mínimos.

De 3 a 6 salários mínimos.

De 6 a 9 salários mínimos.

Mais de 10 salários mínimos.

Responda o questionário a seguir marcando apenas uma alternativa:

1- Homem não pode chorar porque é coisa de mulher.

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar

2 - Feminismo é lutar para que homens e mulheres tenham direitos iguais.

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar

3 - Feminismo é lutar para que as mulheres sejam melhores que os homens

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar

4 - O feminismo DEVE ser uma luta APENAS das mulheres

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar

5 – O namorado TEM que definir a roupa que a mulher usa

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar

6 - “Abri (Chimamanda) a bolsa, peguei o dinheiro e lhe dei (manobrista) e ele, feliz e grato, olhou para o meu amigo e disse: “Muito obrigado, senhor!”. Você concorda que a atitude do manobrista em agradecer o homem e não a mulher que lhe deu o dinheiro, foi correta ?

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar

7 - É possível que o homem cuide dos filhos enquanto a mulher trabalha fora de casa.

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar

8 – O machismo faz mal aos homens.

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar

9 - As cores têm gênero pra você? Por exemplo, rosas são para as mulheres e azuis para os homens?

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar

10 – As mulheres podem trabalhar no que quiserem.

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar

11 – Quem define a liberdade sexual da mulher é um homem.

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar

12 – Você se considera feminista ?

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar

13 – Você acredita que o feminismo pode tornar a sociedade mais justa, com direitos iguais para homens e mulheres?

1 () Concordo 2 () indiferente para mim 3 () Discordo 4 () não quero opinar.